

Instituto de Ciências da Educação – Universidade Federal do Pará
Revista Ver a Educação, Belém, n. 1, ano 2026

**De gatos a lagartos: o espírito contracolonial na formação docente e na
educação em ciências**

**From cats to lizards: the counter-colonial spirit in teacher training and science
education**

**De gatos a lagartos: el espíritu contracolonial en la formación del profesorado
y la enseñanza de las ciencias**

Elisabete Cristina Hammes¹
Israel Ranery Alves Costa²

Resumo

Neste artigo propomos um deslocamento epistemológico na formação docente e no ensino de ciências, inspirado na cosmologia Kaingang e nas metades Kamé e Kanhru. A partir do símbolo *Lagartonomian*, articulam-se experiências formativas vivenciadas na disciplina Viver em Plenitude, com saberes ancestrais amparados nos mitos, marcas, dualidade e confluência. Objetiva repensarmos práticas formativas e o ensino de ciências pautados em epistemologias que valorizam reciprocidade, equilíbrio e interdependência. A abordagem é qualitativa, narrativa e teórico-reflexiva, integrando mito, memória e experiência. Através de um exercício formativo de reconhecimento de marcas e parentescos com plantas e animais, fomenta uma perspectiva contracolonial de aprendizagem. Conclui-se que a sabedoria do lagarto e a cosmologia Kaingang oferecem caminhos potentes reestabelecendo vínculos entre ciência, vida e natureza.

Palavras-chave: formação docente; cosmologia Kaingang; ensino de ciências; confluência.

¹ Mestra pelo Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul. Erechim - Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5610-8641>. E-mail: elisabete.hammes@uffs.edu.br.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis - Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-5610-8641>. E-mail: israelrannery@gmail.com.

O início da travessia contracolonial

Introdução

Este artigo nasce da necessidade de revisitar aquilo que compõe a vida, a educação e a própria possibilidade de existir em um mundo que insiste em separar o humano da terra que o sustenta. Nas últimas décadas, ampliaram-se os debates sobre a formação docente e seus limites diante de práticas pedagógicas que ainda se amparam em epistemologias coloniais.

Esses modelos costumam priorizar classificações rígidas, conteúdos fragmentados e um modo de ensinar que afasta professoras(es) da experiência sensível, da escuta e dos vínculos que tornam o conhecimento um gesto vivo. Ao mesmo tempo, cresce o interesse por perspectivas decoloniais e por cosmologias que compreendem a educação como relação, pertencimento e cuidado.

É nesse contexto que este estudo se desenvolve. Ele parte da experiência formativa construída no interior da disciplina *Viver em Plenitude: entretecer saberes decoloniais em Educação Científica e Tecnológica*, onde nosso grupo de trabalho criou o símbolo *Lagartonomiau* para expressar a tensão entre nossas formações coloniais e nossos anseios contracoloniais. A imagem que construímos para esse símbolo nos permitiu dialogar com o mito de origem do povo Kaingang e com as metades Kamé e Kanhrú, compreendendo que as diferenças não se anulam, mas se complementam e sustentam a totalidade da vida. Assim como o lagarto e o gato compõem naturezas distintas, expressando as diferentes potencialidades presentes em sua essência, as dualidades originadas no mito de criação do povo Kaingang expressam a possibilidade de alteridades em equilíbrio, entendendo que de uma depende a potência da outra, constituindo nessa relação toda pluralidade da existência.

O objetivo geral deste artigo é repensar a formação docente e o ensino de ciências a partir da cosmologia Kaingang, reconhecendo nela um caminho para restaurar vínculos entre seres humanos e outras formas de vida. Os objetivos específicos contemplam quatro movimentos articulados. Primeiro, situarmos a formação docente dentro de um cenário marcado por tensões coloniais e pela necessidade de deslocamentos epistemológicos. Depois, aproximarmos essas formações dos modos Kaingang de compreender o mundo, analisando as marcas Kamé e Kanhrú como tecnologias sociais de equilíbrio, reciprocidade e interdependência. Em seguida, relacionarmos esses saberes com o ensino de ciências, defendendo que ele pode se tornar um espaço de pertencimento e não apenas de classificação. Por fim, propomos um exercício formativo que estimula professoras(es) a reconhecerem suas marcas, seus parentescos e suas próprias formas de existir.

A justificativa que orienta essa escrita é dupla. Por um lado, acreditamos que a crise ambiental, social e educativa que atravessa nosso tempo exige modos de vida que cultivem confluência, respeito e corresponsabilidade com a terra. Por outro, reconhecemos que a escola continua distante de

epistemologias que poderiam produzir aprendizagens mais profundas, significativas e sensíveis. A cosmologia Kaingang não é um recurso ilustrativo. Ela é um modo de existir que tensiona certezas modernas, amplia a noção de ciência e provoca em nós a urgência de aprender com aquilo que vive, respira e pulsa ao nosso redor.

A abordagem adotada é qualitativa, narrativa e de caráter teórico-reflexivo. Ela reúne experiências vividas em formação, diálogos com autores indígenas e não indígenas e leituras atentas de mitos, práticas e saberes ancestrais. O texto caminha entre análise, memória, corporeidade e contemplação, porque entendemos que conhecer exige atravessamentos e porque aprender implica deixar que algo nos transforme. Assim, a escrita se desenvolve como uma travessia, na qual se buscam conexões entre ciência, ancestralidade e educação, reconhecendo que a vida só encontra equilíbrio quando acolhe a diferença.

Ao concluir esta introdução, é importante anunciar que a escrita que se segue se move em um tom sociopoético e contracolonial, porque entendemos que a reflexão acadêmica também pode ser atravessada por imagens, metáforas e afetos que ampliam o pensamento. Enquanto o contracolonial nos leva a refletir e desconstruir a colonialidade e suas implicações para a hierarquia de saberes, na negação do conhecimento ancestral por um modelo de ciência restrito aos conhecimentos eurocêntricos, a sociopoética nos estimula a produzir o conhecimento em movimento, em interação com a sabedoria presente em nossa essência.

Por isso, o artigo se inicia com duas seções que operam nesse registro sensível: A formação docente e o ensino de ciências sob o olhar do lagarto e O ensino de ciências e o retorno à terra. Ambas convidam a um deslocamento estético e epistemológico, preparando o terreno para que, na sequência, possamos aprofundar a organização da análise, discutir o mito de origem Kaingang, explorar as marcas Kamé e Kanhru, apresentar o exercício formativo proposto e desenvolver a articulação teórica que sustenta o argumento central deste estudo.

Assim, o texto avança de uma abertura poética para uma construção reflexiva que integra cosmologia, formação docente e ensino de ciências, mantendo o diálogo entre experiência, ancestralidade e pensamento crítico.

A formação docente e o ensino de ciências sob o olhar do lagarto

E se o espírito do lagarto também sussurrasse aos ouvidos das professoras e professores?

Talvez dissesse: “Vocês foram ensinados a ensinar sem escutar”.

Sim, porque a formação docente, tantas vezes, se fez repetição da domesticação.

Aprendemos a seguir roteiros, preencher planos, cumprir metas e silenciar perguntas.

Fomos treinados para ensinar dentro de jaulas invisíveis, e chamamos isso de currículo.

Mas o espírito do lagarto, esse andarilho solar, nos convida a rastejar devagar, a sentir o chão antes de falar sobre o céu.

Ele nos recorda que o ensino começa onde o corpo encosta na terra.

Formar-se docente, sob a escuta do lagarto, é desatar as amarras que prendem o saber à burocracia.

É compreender que conhecimento não é mercadoria, nem certificação, é relação.

E relação não se impõe, se cultiva.

É preciso desaprender para reaprender o gesto da escuta, o silêncio entre uma palavra e outra, o intervalo onde o sentido se renova.

As formações que herdamos, coloniais e domesticadoras, nos ensinaram a olhar a criança como tábua rasa, a natureza como objeto e a ciência como certeza.

Mas o lagarto nos ensina a olhar o erro como território de criação e a dúvida como parte do caminho.

Ele rasteja entre o sol e a sombra, lembrando-nos de que a sabedoria não está apenas na luz, mas também na fresta que acolhe o escuro.

Quando uma professora se forma pela escuta do lagarto, ela compreende que ensinar é um gesto de cuidado: com o outro, consigo e com o que vive ao redor.

Ela percebe que o conhecimento pulsa nas coisas simples: na respiração da planta, no movimento das águas, no rastro deixado por um inseto no barro.

Assim, a formação docente deixa de ser o cumprimento de uma carga horária e passa a ser o exercício de tornar-se humana de novo.

Formar é também curar.

Curar o olhar colonizado que vê no aluno uma carência e não uma potência.

Curar a palavra que classifica, rotula e afasta.

Curar o gesto que repete sem sentir.

O espírito do lagarto nos propõe outra Pedagogia, a Pedagogia do calor, da terra, da escuta e da convivência.

Formar-se professor, então, é tornar-se aprendiz da vida.

O ensino de ciências e o retorno à terra

E se o ensino de ciências também se deixasse atravessar por essa sabedoria rasteira?

Talvez deixasse de ser o estudo das leis e se tornasse o aprendizado das relações.

Porque há ciência nas águas, há física no vento, há química nas folhas, há biologia no tempo das luas.

Mas esquecemos de olhar para isso quando fechamos as janelas da sala de aula.

O ensino de ciências, sob o olhar do lagarto, nos convida a reatar o vínculo entre corpo e cosmos.

*A compreender que a natureza não é um laboratório, mas uma mestra.
Os povos Kaingang já sabiam disso: não aprendem sobre a natureza, mas com ela.
Suas classificações botânicas não servem para controlar, mas para equilibrar.
Cada planta, cada animal, cada ser pertence a uma das metades, Kamé ou Kanbru,
e essa divisão não é hierárquica, mas complementar.
Kamé é o sol: o calor, a persistência, a energia que faz germinar.
Kanbru é a lua: a suavidade, a intuição, a força que refrigera e faz refletir.
Ambas se reconhecem na diferença.
Assim, o mundo Kaingang se organiza como um grande grafismo vivo, traços e pontos, linhas e círculos
que dançam no mesmo tecido da existência.
Enquanto a botânica ocidental classifica para dominar,
a botânica Kaingang classifica para pertencer.
Cada ser é nomeado não pelo que é, mas pelo com quem caminha.
Não há “espécies isoladas”, há parentescos, redes, reciprocidades.
A planta não é estudada como coisa, mas como parente,
como quem participa da vida da aldeia, da cura, da palavra, do alimento.
Esse modo de ver rompe com a ideia moderna de ciência como neutralidade.
O conhecimento Kaingang é afetivo, espiritual e prático ao mesmo tempo.
Ele se escreve na pele, na cestaria, no canto, no traço.
É grafismo e é filosofia.
É aquilo que a escola muitas vezes chama de “mito”, mas que o lagarto reconhece como “sabedoria”.
Se o ensino de ciências se abrisse a essas epistemes,
Talvez deixasse de ensinar apenas nomes e passasse a ensinar pertencimentos.
Talvez cada professora convidasse suas crianças a olhar o mundo não como uma coleção de objetos,
mas como uma constelação de parentes.
E ao ensinar uma folha, ensinaria também a escuta:
o som do vento que a move, o tempo que a envelhece, o corpo que ela alimenta.
A ciência, então, deixaria de ser fria e voltaria a ter pele.*

Tecendo confluências

De nossas diferenças, encontramos confluências. Antônio Bispo dos Santos, Nêgo Bispo, (Santos, 2023) nos ensina que na confluência nos fortalecemos. E a cosmologia do povo Kaingang

nos mostra que precisamos do diferente para produzir a diversidade, porque ao nos relacionamos com iguais, teremos somente mais do mesmo. A partir destas percepções, começamos a articular uma proposta que pudesse unir conhecimentos ancestrais e formação docente, em uma proposta de ação para as ciências da natureza.

No processo de escrita deste artigo, após alguns diálogos, começamos a refletir sobre como os conhecimentos apontados nas aulas da disciplina *Viver em Plenitude: entretecer saberes decoloniais em Educação Científica e Tecnológica*, e as visitas de campo onde mergulhamos nos modos de vida indígena e quilombola, poderiam reverberar na formação de professores. E, a partir dos mitos de origem, encontramos uma possibilidade de diálogo entre culturas. Porque nessas histórias, além de carregar uma simbologia, ou metáfora de nascimento, ou de criação, poderemos encontrar outros caminhos, que possam fecundar nossos espaços de biointeração (Santos, 2023).

Vivemos em um território onde povos ancestrais, em uma profusão de etnias, produziram, com boas práticas, e em relação respeitosa com a natureza, modos de vida. De outro lado, temos povos retirados de seus territórios, de terras além-mar e trazidos à força a estas terras, mas que também possuíam conhecimentos de bem viver, e que aqui se aquilombaram.

E é a partir destes povos confluentes, como bem define Nêgo Bispo (Santos, 2023), que buscamos contribuições para um momento de repensar a vida no planeta terra. O que significa repensar os modos como nos relacionamos com a natureza, com os outros e conosco mesmos.

Por muito tempo vivenciamos a negação do outro, para nos isolarmos em nossas identidades. Pouco trocamos e aprendemos com os povos que aqui viviam, ou com aqueles que cruzaram os mares, e por aqui produziram novas experiências de vida e resistência. E por mais que vivamos em territórios comuns, conhecemos muito pouco sobre estes povos, suas culturas e modos de vida. De modo que seus conhecimentos e sabedorias, que poderiam nos ajudar a encontrar diferentes perspectivas para os problemas de nossos tempos, nos são desconhecidos. Tão perto, em presença, mas ao mesmo tempo, tão longe em espírito.

Mas acreditamos que sempre é possível estabelecer conexões. E na medida que nos colocamos receptivos para outras histórias e modos de viver, encontramos na organização e pensamento destes povos originários novas possibilidades de existências. Existências plurais, em um mundo onde a pluralidade tem sido negada. De modo que, através de encontros com o que nos diferencia, podemos aprender a elaborar novos caminhos, e recriar nossa relação com a natureza como um todo.

Traduzir suas histórias (neste caso em específico, do povo Kaingang) em experiências outras, demanda habilidades de investigação, contemplação e abertura a outros modos de compreender e se relacionar com a natureza.

Quando estamos acostumados a um modelo de ser e estar no mundo, experimentar outros modos exige, também, outras habilidades. Nos exige a capacidade de se deixar afetar, contaminar. De compartilhar, de confluir. E, com Nêgo Bispo, aprender que:

A confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende (Santos, 2023, p. 4).

Nos desafiarmos a conhecer e aprender outros modos de vida, eis a tarefa que nos colocamos a partir desse encontro com o outro. Quando Nêgo Bispo explica que “nós temos modos – modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vida. E os modos podem ser modificados” (Santos, 2023, p. 11), está nos fazendo um convite. Nos aproximarmos da cosmologia Kaingang em uma experiência de confluência, que possa nos fazer experimentar outros modos de viver, também é um convite, de ver e perceber o mundo a partir de outros olhares... Não é uma tarefa fácil, mas é uma tarefa necessária e possível para os tempos que vivemos...

Esse é o desafio que nos move na construção desta escrita.

Seres compartilhantes

Ao nos espelharmos nos ensinamentos dos povos originários, vamos encontrar outras formas e modos de existir e de se relacionar. Ao nos aprofundarmos nos marcos que fundamentam esta cosmologia, nos propomos a transformar alguns dos elementos que o mito da criação deste povo apresenta, e transformá-los em uma vivência. E através dela, realizarmos um exercício de aprender a ver a si e ao outro a partir de uma conexão distinta. E esse exercício começa reconhecendo o significado da experiência mítica:

O mito remete o nosso pensamento à origem do grupo. O que não o torna algo que está “lá atrás”, em um passado coletivamente imaginado, mas sim algo que está se fazendo cotidianamente nas práticas de vida, se ressignificando e dando significado às relações entre os humanos e os extra-humanos (Garcia, 2019, p. 93).

Apesar do mito remeter à origem de um povo, no tempo passado, ele está sempre se atualizando, ordenando a vida e as relações, não só entre os humanos, mas também destes com outras formas de vida. De modo que todas as relações que se estabelecem possuem uma orientação que se desdobra a partir da narrativa e do que o mito revela. Garcia (2019) explica que:

A estrutura básica que remete à diferenciação e assimilação, a partir dos irmãos Kamê e Kanhru, trata sobre o território, sobre os casamentos, sobre as alianças, sobre os conflitos, sobre as estratégias de luta, sobre a forma de contar números e educar pessoas (p. 93).

O mito de que nos fala Garcia (2019) revela a origem do povo Kaingang, cujos territórios se localizam nos estados do sul do Brasil (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), onde encontramos mata de araucária, e seu fruto, o pinhão, que desde os tempos antigos faz parte da alimentação desse povo (Biazi; Ercigo, 2020). Os Kaingang pertencem a um povo com características fortes e que vem há muito tempo lutando para manter sua cultura e tradição até os dias atuais. Escolhemos esse mito, em especial, pois permite estabelecer relações com os conhecimentos das ciências da natureza, mas, também, por estar fundamentado em relações de dualidade e complementaridade. Estas relações produzem um contraponto aos princípios da modernidade, centrada na fragmentação, no isolamento e na hierarquização. Princípios estes que contribuíram fortemente para o isolamento entre humanos entre si, e entre humanos e não humanos e na destruição desenfreada da natureza, ao ser transformada em mera mercadoria.

Biazi e Ercigo (2020) relatam sobre o mito de origem do povo Kaingang:

Contam os Kaingang mais velhos da Terra Indígena Xapecó, os Kófa, que o povo Kaingang surgiu de um buraco da terra na montanha e que eram dois grupos, havendo uma divisão que são as metades tribais. O primeiro grupo surgiu de um lado da montanha mais na parte inferior, que são os kamê, com um número maior de pessoas. Eles surgiram no nascer do sol, ou seja, no lado da nascente. Os Kamê têm os pés grandes, pois quando saíram da terra passaram por um lugar de pedregulhos e pedras, são de estatura baixa devido terem saído da parte inferior da montanha e são bravos guerreiros, tendo como marca três riscos devido aos raios do sol, que estava nascendo. Então surge o segundo grupo, que nasce do lado superior da montanha, ao pôr do sol. São os Kanhru, com um número menor de pessoas e pés pequenos. Ao sair da terra passaram por águas até a superfície. São pessoas calmas com boas estratégias, tornando-as bons líderes. São fortes, de estatura alta, devido terem nascido na parte superior da montanha e sua marca é redonda (p. 37-38).

Severo (2020) explica que os irmãos Kamê e Kanhru se abrigaram na montanha porque ali encontraram refúgio após uma grande inundação, de onde saíram após as águas baixarem. Cada um tomou um caminho, sendo o de Kamê mais pedregoso, por essa razão ele é mais vagaroso, moldando seus pés, que ficaram grandes e resistentes, e sendo mais forte que Kanhru, por ter aberto primeiro um buraco na montanha. Kanhru, ao sair da montanha, encontrou um terreno limpo, sendo então moldado com os pés pequenos e pouco persistente, já que encontrou um grau menor de dificuldade, mas tornando-se mais rápido e criativo. Assim, foram as condições da saída da montanha que

moldaram a estrutura física e suas distintas personalidades. De modo que: “a união dessas diferenças caracterizaria a perfeição nas uniões ameríndias” (Severo, p. 508). Schild (2016) complementa:

Kanhru tem o corpo delicado, pés e mãos pequenos, é astuto, ligeiro e inteligente. Mas não é persistente. Sua marca é circular, e todas as coisas do mundo com esse formato foram feitas por ele. Em oposição a ele: Kamé, por sua vez, tem o corpo grosso, pés e mãos grandes, é lento, mas muito persistente. Desta metade descendem os guerreiros. Sua marca é riscada, comprida, e seu formato é aberto (p. 84).

Aqueles pertencentes à metade Kamé são de personalidade emotiva, enquanto que os Kanhru possuem personalidade mais racional (Schild, 2016). Segundo a concepção Kaingang, Kamé e Kanhru, isso é, o dia e a noite, precisam se encontrar para juntos também estabelecerem o equilíbrio social. Enquanto aos Kanhru compete começar a caminhada, cabe aos Kamé, por sua persistência, não desanimar ao longo do caminho. Conforme destaca Rosa (2011) conforme o local e o informante, a narrativa do mito pode apresentar variações, e até mesmo inverter em alguns detalhes, mas o importante é localizar que o dilúvio foi o elemento fundante de novas configurações para as relações tanto de sociabilidade quanto de organização com a natureza como um todo. Ou seja, após uma catástrofe natural, o povo Kaingang estrutura sua organização social e cosmológica pautada em dualidades distintas e complementares, integradas a uma natureza que acompanha estas mesmas características, sendo tanto as plantas quanto animais, também classificados nas dualidades Kamé e Kanhru.

Destaca-se a diferenciação quanto aos princípios de organização relacional, pois, no lugar de submissão, opera-se com a reciprocidade, no lugar da homogeneização, encontra-se o respeito às diferenças para a produção da diversidade e fertilidade.

O dualismo opera, assim, de forma que uma metade se distingue e se soma com a outra, produzindo tanto oposição, quanto complementaridade, pois a cada um coube as características que faltava ao outro. De modo que, nas ações do cotidiano, as parcerias entre marcas opostas são importantes e necessárias para o bem viver, pois essa assimetria demanda a busca do outro para se completar, e na soma das diferenças, atingir a totalidade e o equilíbrio, como vemos no mito do surgimento da lua...

Ainda sobre as características das metades, Guisso e Bernardi (2017) acrescentam que: “cada metade tem sua pintura. Os Kamé têm a marca comprida e de cor preta – chamamos de rã téj ou rá joj; já os Kanhru têm a marca redonda e de cor vermelha – chamamos de rã rôr ou rá kutu; e ainda, alguns Kamé têm dois riscos, os rá táktéi” (p. 147). Podemos associar a marca comprida aos raios de sol, e a marca redonda à lua.

Conforme registros de Severo (2020), há um mito que explica a oposição das características das marcas Kamé e Kanhru, que remete a um tempo onde havia não apenas um sol, mas dois, sendo ambos Kamé. Conforme consta no mito, ao observarem os efeitos da intensidade de seus raios sobre a terra, os irmãos culpavam um ao outro pela ação inclemente dos raios solares secando rios, produzindo a morte pelo calor excessivo e pela seca. Após uma briga, um deles foi atingido com um soco, tornando-se a Lua, da metade Kanhru, e o agressor permaneceu Kamé. Conforme relato coletado por Severo em 2013, o professor Refej, da aldeia *Por Fi Ga*, utiliza este mito para explicar os comportamentos sociais. Conforme aponta Refej, Kamé, por ser mais agressivo, quer resolver as coisas no ato, enquanto Kanhru espera, por ser mais calmo. Como resultado dessa diferença, após a briga, Sol e Lua definiram que cada um iria iluminar o mundo em um turno, de modo a promoverem o equilíbrio: o Sol, por sua intensidade seca os rios e causa incêndios nas matas, enquanto a Lua é mais calma e refresca a terra através do sereno da noite.

Porém, assim como expressa o símbolo do Yin e Yang, no seu oposto complementar pode-se encontrar traços de si mesmo:

Refej lembra que um dia a Lua já foi Kamé, pois ela tem a marca, o jeito parecido com o comprido, e de forma inversa o Sol possui a forma redonda do Kanhru, mas nas atitudes o Sol (agressivo e forte) caracteriza mais o Kamé, de forma que a Lua, igualmente pelas características (fraca e calma), representaria mais a maneira de ser do Kanhru (Severo, 2020, p. 508).

Esse mito expressa que precisamos do outro para encontrarmos o equilíbrio. E ao observarmos a ação humana sobre o planeta, podemos ponderar que o excesso da energia Kamé está promovendo muita destruição, e precisamos de energia Kanhru, de modo a encontrarmos maneiras de retomarmos o equilíbrio perdido.

Quanto às regras de parentesco, “todos os indivíduos que pertencem a uma mesma metade patrilinear ou clã, são irmãos” (Claudino, 2019, p. 248) ou seja, todos que tiverem a marca Kamé são irmãos, bem como todos que tiverem a marca Kanhru. De modo que:

Como toda a relação entre irmãos é considerada incestuosa, Kamé só pode se casar com Kanhru e, conseqüentemente, Kanhru só pode casar com Kamé, como mencionado anteriormente. Todos os que não pertencem à mesma marca se consideram como Jamré (cunhado, irmão) (Claudino, 2019, p. 248).

O jamré será, então, na relação entre pares, aquele da marca oposta que irá auxiliar no dia-a-dia. Garcia (2019) explica que “a palavra jamré refere-se a uma relação entre pessoas que possuem marcas opostas, e poderia ser traduzida como cunhadio.” (p. 94). E explica que apesar de pertencerem

a lados opostos, normalmente desempenham papel de aliança, amizade, ajuda mútua, cooperação e complementaridade. Encontramos em Severo (2020) uma referência a este modo de organizar oposições a partir das relações entre as metades, mas que operam a partir do princípio dualista, onde os regre são os membros da mesma metade, e os jambré os membros da metade oposta. Apresenta ainda o kanhkó, que se refere ao parente, independente da metade que o identifica.

Quanto ao sistema de interdependência entre as metades, Amaral (2020) nos conta que:

Dentro dessa dinâmica da relação, bem como a reciprocidade entre as duas marcas tribais, kamẽ e kajru, existem crenças muito fortes na comunidade. Conta a senhora Joana Emilio que quando as suas filhas precisam de remédio do mato depois de fazer o parto ou por outra ocasião, ela sempre ia até as pessoas que são da marca diferente, para elas buscarem o remédio do mato e isso sempre deu certo. [...] Então as duas marcas se complementam, mas não são oposições neste caso. Logo se pode dizer que os Kaingang aprendem os tipos de ervas medicinais somente com seu kakrã que é seu tio ou sogro, também com seus cunhados jamré, pessoas com as marcas diferentes (p. 118-119).

Percebe-se, assim, que há uma articulação operacional de reciprocidade no cotidiano das relações entre as marcas, onde o representante da marca oposta assume tarefas essenciais, tornando necessária a inter-relação e cooperação entre ambos. O mesmo ocorre nos aconselhamentos, onde aceita-se de bom grado as recomendações da marca oposta, mas o mesmo não ocorre com aqueles de mesma marca. Como explica Schild (2016): “kamé não aceita conselho de kamé, portanto, se a liderança for kamé e aconselhar um da sua marca, este não lhe dá a devida importância, mas se for um kanhru que aconselhe um kamé, este vai obedecer seu jamré, porque respeita o outro” (p. 84).

Percebemos, assim, que as relações são permeadas pela necessidade do outro, o seu par complementar. E nós, em nossas relações com nossos pares, será que temos essa mesma maneira de estabelecer relações? Será que ouvimos apenas quem é diferente de nós?

Para fazermos essa análise, vamos observar as características de cada uma das personalidades do mito Kaingang, de modo a verificar com qual das metades encontramos maior correspondência. Para facilitar essa atividade, organizamos uma ficha de identificação no quadro abaixo:

Quadro 1 – Características das marcas Kaingang e sua personalidade

Marca	Características físicas	Características de personalidade
Kamé – marca comprida e de cor preta	Corpo grosso, pés e mãos grandes, baixos	É lento, mas muito persistente, personalidade emotiva
Kanhru - marca redonda e de cor vermelha	Corpo delicado, pés e mãos pequenos, altos	É astuto, ligeiro e inteligente, mas pouco persistente, personalidade racional

Fonte: Elaborado pelos autores

Como vimos nas citações anteriores do texto, na cosmologia Kaingang cada uma das metades possui uma marca. Mas, afinal, o que é uma marca? Para Garcia (2019): “ter uma marca é ter características específicas que mostram como esse ser está e age no mundo” (p. 129). Mas a autora explica que na relação com a marca contrária o Kaingang entra em contato e se apropria das características de sua marca oposta. De modo que o ser Kaingang possui tanto as características de sua marca, que é o que aparece mais, quanto as características de sua marca contrária, deixando-se contaminar pelo outro, nessa relação. “Desse modo, a transformação é a constância. E conhecer, ter, adquirir, fazer sabedoria – êg jykre –, acontece a partir da relação com a diferença” (Garcia, 2019, p. 129).

A marca é uma identificação, a partir da qual, ocorre uma distinção, mas também, um aprendizado com seu oposto complementar. São aprendizados recíprocos, onde aquele que é Kanhru ensina aquele que é Kamé a agir de modo que não agiria. De modo que as pessoas de metade oposta, na sua diferença, ensinam um ao outro.

Encontrando parentes, nossa família extensa

Após o exercício de nos identificarmos com uma das marcas, vamos dar continuidade na proposta de conexão presente na cosmologia Kaingang. Conforme segue a história do mito da criação, tendo os irmãos sobrevivido a uma grande inundação, começaram a refazer o mundo de uma forma diferente. Cada um foi fazendo sua parte, dando nomes aos animais e às plantas, conforme suas marcas. Enquanto Kamé fazia os animais durante o dia, quando chegava a noite, era a vez de Kanhru, de modo que:

Todas as árvores cujas folhas compridas sejam largas e estreitas, também as árvores frutíferas que possuem espinhos, estão classificadas para a metade kamê. Vale dizer que os kamê tendem a ter um espírito que tem grande força, por isso criaram as coisas mais ofensivas. As árvores que os Kaingang consideram que são kajru têm as folhas mais arredondadas e tem frutas que não possuem espinhos. Ao contrário do kamê, o kajru tem um espírito bem calmo, já que criou somente coisas boas e inofensivas (Amaral, 2019, p. 118).

Tanto a forma quanto o temperamento são elementos que nos auxiliam no processo de identificação das marcas. Garcia (2019), apoiada na obra de Rosa (2011), destaca que:

O princípio de diferenciação se origina no plano de origem atuando como matriz referencial onde os sujeitos se reconhecem como tais e constroem suas percepções

de mundo. *Kamē* está ligado ao Sol, ao masculino. Deu a marca cumprida para os leões, as cobras, as abelhas, os pinheiros. *Kanhru*, está ligado à Lua, ao feminino. Deu a marca redonda para as onças, os gatos do mato, as antas, e os cedros. Assim os sujeitos, principalmente através da nomenclatura, se reconhecem enquanto *Kamē* e *Kanhru*, materializando a diferença e atualizando a relação (p. 88; grifos da autora).

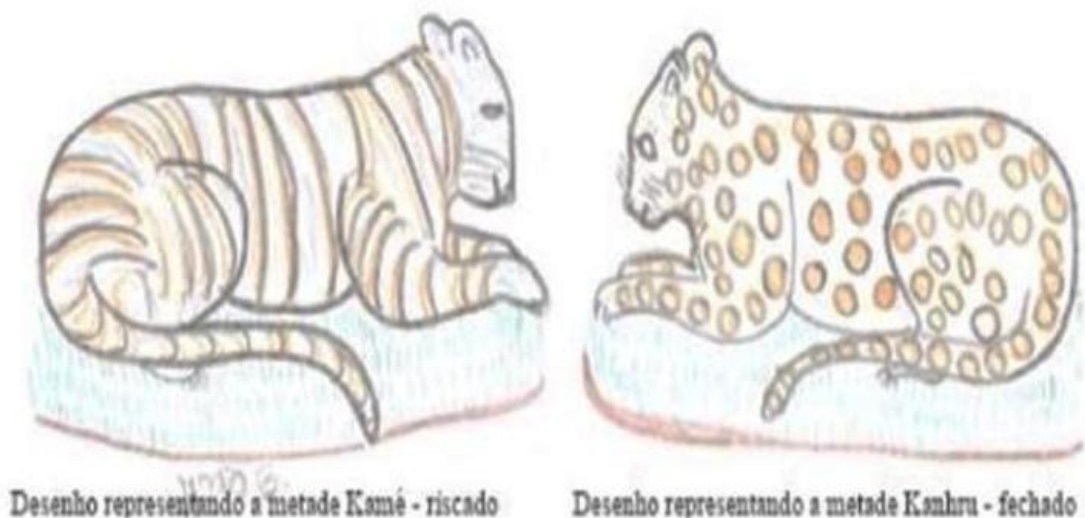
Conforme Amaral (2019), animais como tamanduá, ouriço, tigre, pomba, gralha, tucano, por exemplo, são Kamé, enquanto macaco, sapo, coruja, gato do mato, tatu, lagarto, são Kanhru.

Observa-se, então, que aqueles que sobreviveram ao dilúvio produziram uma organização social pautada na divisão entre as metades Kamé e Kanhru, que tanto se diferenciam, expressando a necessidade de respeitar as diferenças, quanto se complementam, pautando-se na interdependência. Ao mesmo tempo, estruturam relações de parentesco com os não-humanos, como plantas e animais, a partir da semelhança na estrutura das marcas, ou nas características de personalidade. Para Emiliano (2020):

Na natureza tudo se relaciona com as marcas kamē e kanhru, há semelhanças nas pinturas corporais, nas peles dos animais, nas folhas e cascas de árvores, o kamē, usa as pinturas compridas no corpo e também nos artesanatos, é de identidade, até por que outros povos indígenas, também possuem suas características próprias de identidade (p. 46).

Conforme ilustração abaixo, podemos perceber pelo riscado do tigre que ele é Kamé, enquanto a onça, com pelagem composta de círculos, é Kanhru.

Figura 1 – Metades clânicas Kamé (tigre) e Kanhru (onça), desenho produzido por João Batista Kaingang (07/03/2007)



Os mitos são uma maneira que os povos nativos utilizam para expressar e conservar sua cosmologia. Através deles, o povo Kaingang revela que seus conhecimentos foram produzidos em diálogo, interação e escuta com os seres da natureza, conforme relato da parte final do mito da criação dos animais:

Quando já estava claro, eles começaram a correr, e logo uma onça pegou um Kayrú, e Kamé foi mordido por uma cobra. Pararam para tratar o doente, quando o surucuá (Trogon sp.) cantou: Tug! Tug! Tug! Um velho explicou essa cantiga como tu (-carregar) e mandou que carregassem o doente para o lugar do acampamento. Um pequeno gavião cantou: Tokfin! (-amarrar) e o velho mandou amarrar o membro lesado. Um outro passarinho cantou: Ngidn! (-cortar), e eles abriram a ferida com um corte. Outro cantou: Iandyóro! (-espremer) e eles espremeram a ferida. Por fim, outro cantou: Kaimparará! (kaimpára - inchado), e o velho disse: “Isto é; um mau grito! Amanhã o membro estará inchado!” Assim foram tratando o doente até que se restabelecesse (COMIN, s.d.).

Para os povos que vivem em sintonia com a natureza, os animais e as plantas são expressões da vida e da diversidade. Para o povo Kaingang todos possuem o *tom*, espírito que habita todas as pessoas e seres Kaingang. Conforme registro realizado por Gonzalez (2024), a professora Vera Kaninka conta que desde pequena seu pai lhe ensinou que toda vez que nasce um pé de araucária, nasce um ser Kaingang, pois, “assim como os humanos, a araucária, utilizada pelos Kaingang na alimentação, educação, artesanato e como recurso espiritual, também é descendente dos irmãos Kamé e Kanhru, responsáveis por criar todas as formas de vida e povoar a terra, segundo a cosmologia Kaingang”.

A cosmologia Kaingang tem em seus princípios constitutivos uma relação de total respeito com os seres da natureza, pois entendem que todos eles possuem conhecimento. Como registra Garcia (2019):

Para mim, muitas das partes do mito de origem do povo Kaingang exemplificam o que o intelectual indígena Kaingang Dorvalino Cardoso sempre pontua: a possibilidade de aprender com todas as formas de vida do planeta. Da árvore nasce o kujá e do banho com a casa da árvore começa a nascer a pessoa que será kujá. O tamanduá, as plantas, e o vento ensinam as músicas. As pedras do rio fortalecem. (p. 89).

Podemos dizer que há muitos modos de vida, e na sociedade atual, parte da população vive sem muito contato com a natureza. Nêgo Bispo (2023), em sua sabedoria quilombola, explica que existem os orgânicos, aqueles que vivem em contato direto com a natureza, e os sintéticos, aqueles que estão desterritorializados, que foram apartados de sua essência, os antinaturais. Considerando o

processo em curso, de destruição da natureza e desequilíbrios mais diversos, propõe que no lugar do saber sintético, recuperemos o saber orgânico. É esse saber orgânico que buscamos destacar, pois é na forma de se relacionar com a natureza como um todo que a cosmologia Kaingang apresenta elementos que podem nos auxiliar a encontrarmos o caminho perdido. Como explica Garcia (2019): “é no mito de origem que desvelamos a base de vida de um povo, pois ali se fala sobre uma forma de estar no mundo. Um passado presente que dá sentido à vida atual” (p. 93). Mais do que explicar como surgiram, a cosmologia Kaingang e sua mitologia nos apontam outros modos de vida e relação com a natureza, mais prudentes do que aqueles que desenvolvemos em uma sociedade que destrói a si, ao outro e à natureza que sustenta a própria vida, e da qual faz parte. De modo que:

Parece-me que no mito de origem dos Kaingang está marcado não só o princípio de diferenciação a partir dos irmãos Kamē e Kanhru, como também a potencialidade de se aprender com todas as formas de vida do planeta. A criação em conjunto de um novo mundo após o dilúvio: Êg Jykre (Garcia, 2019, p. 93).

Garcia é um fog, ou seja, uma mulher branca que encontrou na cosmologia do povo Kaingang uma maneira de olhar para si e estranhar aquilo que lhe era familiar. Nestas palavras, nos fala de um sentido que podemos encontrar nesse outro modo de vida. De que após uma experiência de renascimento cultural, vivenciado pelo povo Kaingang a partir de um evento climático, novas relações, novas formas de organização social podem surgir. Renascimento esse expresso em um novo começo após o dilúvio, em novas formas de agir sobre o mundo, quando a partir de dois sóis, um deles se transforma na lua, permitindo que o equilíbrio seja retomado. Assim como este povo, também podemos olhar para nossas relações e modos de vida, e aprendermos como ressignificá-los. O mito revela, em sua narrativa, não apenas uma história de um passado distante, mas uma profunda sabedoria ao estruturar uma organização social baseada na interdependência entre metades, constituindo relações profundamente entrelaçadas e de respeito mútuo, tanto entre humanos, quanto com não-humanos, sua família extensa.

Pautados em sua sabedoria ancestral, no intuito de nos reconectarmos com a natureza, propomos o exercício a seguir. A partir dele, novos modos de vida podem ser experienciados, com o propósito de recompormos os laços que foram rompidos. Então, assim como os gatos, que são tocados pelo espírito do lagarto, despertarmos nossa essência, nossa parcela de natureza que esquecemos de habitar. Em um encontro com a cosmologia Kaingang, somos convidados a abrir

nossos sentidos e dialogar com outras faces da natureza, outros seres, outras formas de vida. De transformar a dominação em respeito, de nos reconectarmos com nossa essência.

Exercício formativo ampliado

Para começarmos, que tal nos permitirmos um pequeno deslocamento?

Antes de pensarmos a ciência como conteúdo, voltemos o olhar para aquilo que nos atravessa.

A partir da sua marca, pergunte-se com calma:

Quais são os animais e as plantas que caminham contigo?

Quais são seus parentes de marca?

Quais são seus aliados na terra?

Feche os olhos por um instante e perceba o que emerge primeiro.

Talvez seja um animal que sempre aparece nos teus caminhos, ou uma planta que insiste em nascer onde você vive. Talvez seja uma memória antiga, ou um encontro recente.

Anote seus parentes. Desenhe, se quiser. Observe as formas:

são arredondadas ou compridas?

São calmas ou intensas?

Agora reflita:

O que essas formas dizem sobre seu modo de existir? O que elas revelam da tua relação com o mundo? O que você pode aprender com esses parentes? Que saberes eles te oferecem que a escola nunca te perguntou? Esse exercício não é uma metáfora simples. É uma prática de reconexão.

A marca não nos enquadra. Ela nos revela. Ela nos lembra que não existimos sozinhos e que nossa identidade é sempre partilhada. Ao reconhecer seus parentes, você amplia sua própria forma de estar no mundo. E, ao fazer isso, abre caminho para ensinar ciências como vínculo e não como separação.

Porque quem reconhece seus parentes aprende a cuidar de outro modo.

Após concluirmos o exercício formativo, durante nossos encontros iniciais na disciplina *Viver em Plenitude: entretecer saberes decoloniais em Educação Científica e Tecnológica*, sentimos que algo em nós havia se deslocado. Foi nesse momento que nosso grupo decidiu materializar, com aquilo que a própria terra oferecia, a imagem que nos acompanhou durante toda a caminhada: o encontro entre o gato e o lagarto. Reunimos folhas, galhos, sementes e pequenos fragmentos da natureza que nos cercava, porque entendemos que a cosmologia também se faz com as mãos.

A composição que criamos tornou-se mais do que um símbolo. Ela passou a ser a expressão concreta da confluência entre elementos dissonantes, mas confluentes, de modo que Kamé e Kanhru, gato e lagarto, diferença e vínculo podem coexistir, cada um a partir de suas especificidades. Por isso, antes de avançarmos, apresentamos o *Lagartonomiaiu*, produzido a partir dos elementos que cada um dos componentes do grupo entregou para a produção de um símbolo síntese. Um breve poema surge a partir dele, de modo a celebrar a sabedoria que emerge quando a ciência volta a tocar a terra.

Figura 2 – De nossa confluência surge o mundo que criamos a muitas mãos



Fonte: Elaborado pelos autores

Confluência: o mundo que criamos a muitas mãos

Ali, entre folhas e gravetos, o gato despertou e o lagarto sussurrou.

A terra acolheu nossos gestos e devolveu um silêncio fértil.

*Aprendemos então que a ciência também tem pele,
e que todo fim é apenas uma semente voltando ao chão.*

O encerramento que também é semente

Para o povo Kaingang, a alteridade é tão importante que, quando não existe, precisa ser produzida. Revelam, assim, a necessidade de que a diferença exista, para que possa haver o equilíbrio. Tanto a sabedoria quilombola, traduzida por Nêgo Bispo, quanto o Bem Viver Kaingang são expressões potentes de superação de um modo de vida sintético que já não se sustenta.

O exercício de se conectar com a cosmologia Kaingang através da identificação das marcas, e de encontrar com animais e plantas que são irmãos de marca, pode ser um caminho que nos auxilie a retomar nossa ancestralidade, e a partir dela, nos permitimos reconectar com o planeta terra.

Concluir esta escrita é retornar ao princípio, porque a cosmologia Kaingang nos ensina que não há fim que não reencontre sua própria origem. Depois de percorrermos os caminhos abertos pelas marcas Kamé e Kanhru, percebemos que sua força não está apenas na descrição de características físicas ou comportamentais, mas na sabedoria profunda que as sustenta. Elas nos mostram que viver exige complementaridade, que nenhuma metade se basta e que a existência se completa no encontro. Essa compreensão simples e, ao mesmo tempo, sofisticada, mobiliza deslocamentos importantes para a formação docente e para o ensino de ciências.

Ao longo da análise, tornou-se evidente que a escola moderna, marcada pelos efeitos da colonialidade, acostumou-se a trabalhar com separações. A criança é separada da natureza, o conhecimento é separado da experiência e a ciência é separada da vida. Essa separação produz um ensino que privilegia classificações frias e metodologias que raramente perguntam quem somos, como sentimos, de que forma nos relacionamos com o mundo e o que desejamos cultivar. Quando o espírito do lagarto toca o espírito do gato, como propõe nossa metáfora coletiva, algo dessa separação começa a ruir. O lagarto rasteja devagar e nos convida a perceber o chão. Ele desestabiliza o movimento rápido e ansioso de um modelo de formação que valoriza metas, resultados e protocolos, mas esquece de ouvir o que vive, o que se entrelaça, e o que nos une.

A cosmologia Kaingang se revela, então, como uma oportunidade de reorientação ética, estética e epistemológica. Ao compreender as metades como modos de estar no mundo, percebemos que o conhecimento não pode ser reduzido a acúmulo. Ele é sempre relacional. Ele se faz na escuta, no afeto, na reciprocidade e na abertura ao outro. A metáfora da marca, trabalhada neste artigo, restitui a complexidade do que significa formar-se professora ou professor. Ninguém ensina sem antes reconhecer a própria marca. Ninguém cuida da aprendizagem do outro se não se permite ser cuidado pela vida.

O exercício que propusemos, convidando cada pessoa a reconhecer seus parentes de marca entre plantas e animais, não é um jogo didático. Ele é um gesto de retorno à terra. Ele nos desafia a reencontrar aquilo que esquecemos de habitar e reacende o vínculo com uma natureza que nos antecede e nos sustenta. Quando reconhecemos nossos parentes, deixamos de ver o mundo como coleção de objetos e passamos a reconhecê-lo como uma grande família estendida. A natureza deixa de ser uma inimiga para ser a nossa casa. Essa mudança de perspectiva produz efeitos profundos na prática docente, porque desloca o foco do controle para o cuidado, da técnica para a sensibilidade, da classificação para o pertencimento.

Ao refletir sobre o mito de origem, percebemos ainda que aprender é aceitar que a transformação é a única constante. Kamé carrega o ímpeto da caminhada e Kanhru a persistência de permanecer no caminho, mas ambos se transformam na relação e nenhum deles é absoluto. Por essa razão, cada um é uma metade, somente sendo integralidade quando encontram seu contrário, que é seu par complementar. Se o ensino de ciências pudesse assumir essa dinâmica, talvez recuperasse aquilo que perdeu ao longo do caminho. A ciência não é apenas método, definição ou conceito. Ela é também espanto, corpo, imaginação e relação. Quando a sala de aula se abre para o vento, para o tempo das plantas, para o movimento das águas e para a sabedoria dos povos ancestrais, a ciência ganha pele novamente. Ela volta a pulsar.

Este artigo defende que a formação docente precisa acolher esse movimento, porque o mundo que habitamos pede novas formas de pensar e existir. Os desafios ambientais, sociais e éticos de nosso tempo não serão enfrentados apenas com conhecimento técnico. Eles exigem um tipo de sensibilidade que se produz na confluência, como nos lembra Nêgo Bispo. Na confluência, não deixamos de ser quem somos. Tornamo-nos nós e mais alguém. Tornamo-nos rio que se amplia ao encontrar outro rio. Essa é a potência do encontro entre gatos e lagartos, entre Kamé e Kanhru, entre ciência e ancestralidade.

Concluimos, portanto, que repensar a educação científica significa repensar nossa própria condição de existência. Significa romper com a ilusão de separação que configurou a modernidade e reencontrar caminhos de cuidado que sustentem a vida. A cosmologia Kaingang, longe de ser um vestígio do passado, é uma Pedagogia do futuro possível. Ela nos lembra que o conhecimento não se acumula, se compartilha. Que a vida não se domina, se acompanha. Que o mundo não se explica, se vive.

Talvez o gesto mais profundo desta escrita seja reconhecer que, ao buscarmos compreender a marca, acabamos por encontrar a nós mesmos. E, ao reencontrar o que somos, tocamos também aquilo que podemos vir a ser. É nesse intervalo entre o que fomos e o que podemos nos tornar que a formação docente ganha potência. Não uma potência de controle, mas uma potência de vida. Uma potência que, como o lagarto, nos convida a sentir o chão antes de falar sobre o céu. Uma potência que nos devolve à terra, ao cuidado e ao compromisso ético com todas as formas de existência que partilham conosco esse planeta em comum.

Referências

AMARAL, A.M. Conhecimento e uso de plantas pelos Kaingang na Terra Indígena de Guarita/RS. In: DARELLA, M.D.P. (org). **Ações e saberes Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xoklẽng em foco:**

pesquisas da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica – Kaingang. Florianópolis: Edições do Bosque/UFSC/CFH/NUPPE, 2020, p. 79-129.

BIAZI, A.A.B.P.; ERCIGO, T. A formação do kujá e a relação com seus guias espirituais na Terra Indígena Xapecó – SC. In: DARELLA, M.D.P. (org.) **Ações e saberes Guarani, Kaingang e Laklãnô-Xoklẽng em foco**: pesquisas da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica – Kaingang. Florianópolis: Edições do Bosque/UFSC/CFH/NUPPE, 2020, p. 11-78.

CLAUDINO, C. O papel da mulher Kaingang da Terra Indígena Guarita. In: DARELLA, M.D.P. (org.) **Ações e saberes Guarani, Kaingang e Laklãnô-Xoklẽng em foco**: pesquisas da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica – Kaingang. Florianópolis: Edições do Bosque/UFSC/CFH/NUPPE, 2020, p. 223-313.

COMIN – Conselho de Missão entre Povos Indígenas. **Mitos Kaingang – A criação dos animais**. Disponível em: <https://comin.org.br/wp-content/uploads/2019/08/MITOS-KAINGANG.pdf>, s.d. Acesso em: 02 fev. 2026.

EMILIANO, D. **Revitalização dos saberes e práticas Kaingang sobre as plantas tradicionais como proposta de educação ambiental na Terra Indígena de Ligeiro**. 2015. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Carreiros, 2015.

GARCIA, G.M. **O caminho se faz ao andar**: aprendizagem e educação junto a mulheres indígenas Kaingang. 2019. 170 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

GONZALEZ, A. Ensinaamentos geracionais ajudam na preservação da culinária tradicional indígena. **UFRGS Jornal da Universidade**, 7 nov. 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/ensinamentos-geracionais-ajudam-na-preservacao-da-culinaria-tradicional-indigena/>. Acesso em: 06 fev. 2026.

GUISSO, C.M. da S; BERNARDI, L.T.M. dos S. O significado da sociocosmologia nas histórias dos Kofa Ag: o mundo e a vida Kaingang. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 143-166, 2017.

JACOBSEN, J.D.I. Eg Rá (nossas marcas): a importância do grafismo para a preservação e valorização da cultura Kaingang. In: BENVENUTI, J. *et al.* (orgs). **Educação indígena sob o ponto de vista de seus protagonistas**: produções do Curso de Especialização PROEJA Indígena. Porto Alegre: Evangraf, 2013, p. 178-195.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y America Latina. In: LANDER, E. (org). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p. 201-245.

ROSA, P.C. **Para deixar crescer e existir**: sobre a produção de corpos e pessoas Kaingang. 2011. 186 f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SANTOS, A.B. dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SCHILD, J.D.J.I. **Mulheres Kaingang, seus caminhos, políticas e redes na TI Serrinha**. 2016. 165f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SEVERO, D.F.D.A “Lei Kanhgág”: Sistema de metades e outras classificações ameríndias. **Revista Mediações**, Londrina, v. 25, n. 2, p. 504-522, 2020.

Abstract

This article proposes an epistemological shift in teacher training and science education, inspired by Kaingang cosmology and the Kamé and Kanhru moieties. Using the Lagartonomiau symbol, it articulates formative experiences from the “Living in Fullness” course with ancestral knowledge grounded in myths, symbols, duality, and confluence. The aim is to rethink formative practices and science education based on epistemologies that value reciprocity, balance, and interdependence. The approach is qualitative, narrative, and theoretical-reflective, integrating myth, memory, and experience. Through a formative exercise of recognizing symbols and kinship with plants and animals, it fosters a counter-colonial perspective on learning. It concludes that the wisdom of the lizard and Kaingang cosmology offer powerful paths for re-establishing links between science, life, and nature.

Keywords: teacher training; Kaingang cosmology; science education; confluence.

Resumen

Este artículo propone un cambio epistemológico en la formación docente y la educación científica, inspirado en la cosmología Kaingang y las mitades Kamé y Kanhru. Mediante el símbolo de Lagartonomiau, articula experiencias formativas del curso “Vivir en plenitud” con conocimientos ancestrales arraigados en mitos, símbolos, dualidad y confluencia. El objetivo es repensar las prácticas formativas y la educación científica a partir de epistemologías que valoran la reciprocidad, el equilibrio y la interdependencia. El enfoque es cualitativo, narrativo y teórico-reflexivo, integrando mito, memoria y experiencia. A través de un ejercicio formativo de reconocimiento de símbolos y parentesco con plantas y animales, fomenta una perspectiva contracolonial del aprendizaje. Concluye que la sabiduría del lagarto y la cosmología Kaingang ofrecen poderosas vías para restablecer vínculos entre ciencia, vida y naturaleza.

Palabras clave: formación de profesores; cosmología Kaingang; educación científica; confluencia.